

# O exercício da Medicina na sociedade do desempenho

DR. JOSÉ EDUARDO DE SIQUEIRA

Vivemos em tempo de Olimpíadas e a cobrança do mais perfeito desempenho feita pela sociedade e autoimposta pelos próprios atletas atinge níveis surreais, para não dizer desumanos. Esperava-se em 2021 melhor *performance* de Simone Biles, ginasta norte-americana, ganhadora de quatro medalhas de ouro na versão anterior dos jogos. O mundo todo se surpreendeu ao assistir àquele frágil ser humano afirmar que desistia de participar das demais provas e declarar com a voz embargada: “Preciso me concentrar no meu bem-estar, há vida além da ginástica”.

As palavras de Simone nos dão conta da cruel realidade de que vivemos e quão acertados são os ensinamentos do filósofo teuto-coreano Byung-Chul Han em sua obra *Sociedade do Cansaço*. Nela, o autor argumenta que a sociedade disciplinar descrita por Foucault nas obras *Microfísica do Poder* e *Vigiar e Punir* já não mais representa o modelo de convivência social na hipermodernidade. Segundo ele, a cobrança exercida “de fora para dentro”, do modelo foucaultiano, foi substituída pela autocobrança. Para atender às expectativas de alto desempenho exigido pela sociedade, as pessoas passaram a competir consigo mesmas. Segundo Han, as pessoas não mais figuram como “sujeitos de obediência” descritos por Foucault, mas como “sujeitos de desempenho”.

Todos aqueles que militam como docentes na área do ensino médico já se confrontaram com situações de extremo sofrimento e até mesmo de estados depressivos de estudantes que, por não terem obtido notas satisfatórias em provas parciais de alguma disciplina, foram obrigados a realizar o exame final para que pudessem ser promovidos para o período seguinte do curso. Reconhecendo-se inferiores aos demais colegas de turma, passaram a fazer uso de drogas antidepressivas ou outros tipos de estimulantes, as “smart pills”, substâncias que prome-

tem melhorar as funções cognitivas humanas.

Não se pretende discutir, neste breve ensaio, os benefícios à saúde mental humana proporcionados por novas drogas que resultaram de pesquisas clínicas conduzidas com rigor científico e passaram a figurar no portfólio do mais elevado nível da medicina baseada em evidências. Não, o que se discute é sobre a pertinência do uso de fármacos que prometem o imponderável “melhoramento” de habilidades naturais, próprias da condição humana.

O depoimento de Simone nos obriga a refletir sobre o mantra olímpico “faster, stronger and fast” e nos impõe a complexa questão: “A biologia humana deve/pode ser passível de manipulação em busca de atingir o estado de ‘alta performance’, desconsiderando o conceito de saúde estabelecido pela OMS há mais de 70 anos?”

Seria ocioso discutir a utilização do “dopping” nos esportes olímpicos. Basta, para tanto, considerar a atual punição imposta pelo Comitê Olímpico à Rússia, o que obrigou os atletas daquele país a se apresentarem sob o manto de outra bandeira que não a de seu país de origem.

Mesmo que futuras pesquisas consigam produzir drogas ou “devices” capazes de melhorar o desempenho humano, como prometem os defensores do transumanismo, persistirá a questão ética relativa ao fato de que nos será imposta sobre a moralidade de aceitarmos conviver com dois tipos de seres humanos, os artificialmente “melhorados” e os “normais”, representantes atuais da família “homo sapiens sapiens”.

A história recente da humanidade mostrou as consequências desastrosas da institucionalização de regimes políticos totalitários, que se utilizando de práticas eugênicas por meio do descarte dos “menos dotados” e selecionando os “melhores dotados” imaginavam construir a “sociedade perfeita”. Será razoável imaginar que no curso do século XXI, marcado por uma desigualdade social escandalo-

O SENTIMENTO DE FRUSTRAÇÃO COM A PROFISSÃO TEM EFEITOS NEGATIVOS NA QUALIDADE DE VIDA DOS MÉDICOS.

sa, seríamos tentados a reeditar a tese da pureza racial e convivemos com duas categorias de seres humanos?

Retornando ao ambiente acadêmico, considerando, sobretudo, os cursos da área da saúde, vários autores têm relatado o uso de drogas que comprovadamente podem induzir à dependência física e psíquica e são consumidas por estudantes, como é o caso do cloridrato de metilfenidato, vendido com o nome comercial de Ritalina. Segundo Affonso e cols., em pesquisa realizada na Faculdade Anhanguera de Brasília (FAB), 57% dos estudantes de biomedicina, enfermagem, farmácia e nutrição declararam ter usado com regularidade metilfenidato para melhorar seus desempenhos acadêmicos. E o fizeram sem orientação médica, valendo-se tão somente de sugestões de amigos ou em busca de informações oriundas de sites da internet.

No caso dos estudantes de Medicina, existem outros fatores agravantes, como, por exemplo, a necessidade de dedicação integral em um curso de graduação que, embora contando com carga horária total em média de 10.000 horas, não pode ser considerado terminativo, já que necessitarão dar continuidade a seus estudos em programas de residência médica, com duração nunca inferior a três anos, para obterem o certificado de especialista em alguma área mais restrita do conhecimento médico. Igualmente dramático é o fato de que, ao final desse enorme percurso, eles ainda nutram a expectativa de que exercerão a Medicina como arte e poderão desfrutar de uma vida profissional digna.

O Portal PEBMED publicou, em 2020, matéria sobre o Dia da Saúde Mental, comemorado em 10 de outubro. No material, relata que a depressão e a “Síndrome de Burnout” constituem os tipos mais recorrentes de transtornos mentais, com maior incidência entre os médicos. O Portal faz referência à pesquisa *The Truth About Doctors*, realizada pela agência McCann Health, em 2017, que revelou que a frustração é uma das palavras mais relacionadas à prática médica ao redor do mundo e que, na percepção

dos egressos do curso médico, a realidade da profissão mostrou-se muito aquém das expectativas que os motivaram a estudar Medicina e que estiveram presentes nos primeiros anos do curso.

Ao final dessa longa jornada, as variáveis que mais contribuem para a frustração dos médicos brasileiros podem ser assim resumidas: a) o exercício da Medicina na esfera de saúde pública caracteriza-se por exigir o máximo empenho do profissional em atender o maior número possível de pacientes, não importando a qualidade, pois o que realmente interessa ao gestor público é a quantidade de atendimentos prestados como elemento de comprovação da eficiência dos serviços prestados à população; b) os planos de saúde privados seguem roteiro similar, com valores pífios destinados aos honorários por consultas combinados com a obrigação do médico em prestar atendimento ao maior número de pessoas com o menor número de pedidos de exames para complementação diagnóstica.

Das primeiras lições deixadas pelo aforismo hipocrático “onde houver amor pela arte da Medicina, também haverá amor pela humanidade”, nada resta senão a obrigação do desempenho em atender mais e mais pessoas, sem que se possa praticar a Medicina como arte para acolher seres humanos biográficos que sofrem nas esferas biológicas, psicossociais e espirituais. Segundo a pesquisa da McCann, o sentimento de frustração com a profissão tem efeitos negativos na qualidade de vida dos médicos. Ao todo, 66% dos entrevistados relataram problemas de sono. No Brasil, foram 72%.

Considerando atentamente o depoimento da jovem Simone Biles e os ensinamentos do filósofo Byung-Chul Han, é chegada a hora de repensarmos o modelo de sociedade que desejamos legar para nossos filhos: aquele que leve em conta a preservação da saúde física e mental de todos os membros da família humana ou insistir no atual modelo obcecado pelo desempenho a qualquer custo? Vida saudável ou autofágica? **!**

“O que pode ser afirmado sem provas pode ser rejeitado sem provas.”

CHRISTOPHER HITCHENS (1949-2011)

*Aforismo*

*Todo médico pesquisador ou clínico tende ao ceticismo. Aliás, precisa ser cético. Ao contrário do que se imagina, cético não é o que não acredita, é o que busca – embora com rigor e medida – a evidência das coisas. E a busca é o início da fé. Mesmo em pesquisa. O melhor do médico não está no que diz, sempre suscetível a erros ou más interpretações, mas no que faz. E no que fica.*